

Centro Marginal. Centro Herói.

Marginal Center. Hero Center.

Julia Cirilo de Souza. Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estadual de Goiás, Brasil.
E-mail: juliacirilo25@gmail.com

Maíra Teixeira Pereira. Doutora em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo pela Universidade de Brasília. Professora e pesquisadora da Universidade Estadual de Goiás, Brasil.
E-mail: maira.pereira@ueg.br

Pedro Henrique Máximo Pereira. Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília. Professor e pesquisador do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Goiás, Brasil.
E-mail: prof.pedromaximo@ueg.br

1 INTRODUÇÃO

O Centro de Goiânia vem sendo palco de discussões sobre sua ascensão, na década de 1950, e seu rápido declínio nas décadas seguintes. Atualmente, é perceptível uma forte tentativa da população – que envolve crianças, jovens, idosos, moradores, artistas, entre outros – de ocupar e potencializar esse Centro, tão negligenciado pelo poder público. Sua totalidade vem enfrentando a passagem do tempo, mas ainda mantém vivo esse organismo. Apesar dos desafios que se apresentam, o Centro é um dos protagonistas da cidade de Goiânia, repleto de dinâmicas sociais e territoriais, que estão presentes nos corpos e nas memórias de quem as tece cotidianamente e delas precisa para viver, tanto quanto daqueles que encaram o transitar e o experimentar como uma aventura entre o marginal e o heroico.

O sentido de “marginal” e “herói” utilizado neste trabalho é o mesmo empregado por Hélio Oiticica (1937-1980) no seu poema-bandeira “Seja Marginal. Seja Herói”, de 1968, que ainda permanece muito atual para descrever os conflitos e dilemas urbanos contemporâneos, inclusive do Setor Central. A obra de Oiticica dá voz aos que costumam ser silenciados. Os *graffiti* nos muros, a boemia nas ruas, a vida noturna da comunidade LGBTQIAPN+, a rotina dos moradores costurando bicos e velas, escancara a arte e a vida, que o sistema quer sufocar e apagar. O Centro marginal é o Centro subversivo, insurgente, que não sucumbe ao poder de quem o quer controlar, o que faz dele, por sua vez, um Centro herói.

O processo de estudo e apreensão do Centro e suas dinâmicas passa pelo corpo, e teve início com algumas visitas exploratórias no local, percorrendo espaços estigmatizados, reconhecendo como esses dialogam com o corpo em sua individualidade e corporalidade.

Compreender essas configurações foi possível a partir da busca inicial por referências que trabalhavam diretamente as relações entre cidade e usuário. A obra “Os Centros das Metrópoles: reflexões e propostas para uma cidade democrática do século XXI”, coletânea

organizada por Meyer (2001), em que, junto com outros autores, são estudadas e debatidas questões relacionadas às dinâmicas sociais e territoriais visualizadas e vivenciadas nas metrópoles do século XXI, foi essencial para teorizar as dinâmicas urbanas presentes em Goiânia.

A dissertação de Havanio Soares (2021) intitulada “Paisagem (re)velada: uma narrativa noturna no Centro de Goiânia” aborda de forma incisiva o estigma da noite no Centro de Goiânia e a importância de sua comunidade na construção da paisagem do Setor Central.

Entendida a construção da paisagem, a busca seguinte foi para compreender as relações entre corpo e cidade. O estudo de Fabiana Dutra Britto e Paola Berenstein Jacques (2008) “Cenografias e Corpografias Urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade” traduz o reconhecimento da cidade como um ambiente de existência do corpo, e como essa relação questiona a estetização e espetacularização do ambiente urbano. Como complemento, para compreender o discurso de Hélio Oiticica, utilizou-se da dissertação de Annelise Estrella Galeazzi (2019) “Ornitorrélio Oiticinco: as inscrições de HO entre literatura e artes”.

2 DESENVOLVIMENTO

O Plano Diretor da Nova Capital de Goiás foi assinado em 1933 pelo arquiteto e urbanista Atílio Corrêa Lima (1901-1943), que adotou um desenho urbano recheado de influências estéticas. Com a rápida expansão da cidade, somente no decorrer da década de 1950 o setor Central se consolidou de fato dentro do seu cenário, abrigando diversos edifícios comerciais, de serviços e administrativos (Soares, 2021, p. 4).

O percurso pelo Centro durante as décadas de 1950 a 1970 foi marcado pela apropriação do espaço público pelas pessoas, incluindo residentes de outros bairros da cidade. A alta concentração de estabelecimentos nas principais avenidas, contribuiu para o frenesi urbano pelas ruas e avenidas do setor. Esse cenário começa a sofrer descontinuidades a partir dos anos 1980, quando os interesses do capital imobiliário passaram a se concentrar em bairros adjacentes. De acordo com Soares (2021, p. 5), o processo de descentralização de centros tradicionais, em que a transformação da paisagem acompanha as questões econômicas de determinado lugar, enfatiza um outro cenário passível de análises e discussões: o espaço urbano apropriado pela população socialmente marginalizada.

O Centro, acolhido por grupos sociais como os comerciantes, ambulantes, flanelinhas, pessoas em situação de rua, profissionais do sexo, artistas, comunidade LGBTQIAPN+, entre outros, é colocado em foco como palco de inúmeras manifestações, sejam elas artísticas e/ou culturais e sociais, como forma de reafirmar sua luta contra o descaso sofrido pelo poder público. Ele, no decorrer das últimas décadas, foi reinterpretado e se tornou hoje um espaço democrático e sobretudo artístico (Soares, 2021, p. 5).

A arte urbana é a expressão que personaliza a cidade, mais particularmente os espaços públicos. O artista, compreendido também como usuário, interage com o ambiente urbano, no qual ele está inserido, de maneira a sentir-se cada vez mais pertencente a esses espaços. Essas expressões estão materializadas nas intervenções presentes nos muros do Centro, abrigando suas manifestações artísticas e de seus corpos, tanto de forma mais transgressora, como a frase “foda -se o sistema” (figura 1), quanto com uma simples declaração “eu amo Goiânia” (figura 2).

Figura 1: Graffiti na viela da rua 07, nas proximidades do Banco do Brasil.



Fonte: Julia Cirilo (2023)

Figura 2: Graffiti e lambes na viela Delfino M. de Araújo.



Fonte: Julia Cirilo (2023)

A arte é, nesse contexto, um elemento de territorialização social, forma de apropriação física e sentimental da urbe, criação espacial e expressão humana. As intervenções individuais e manifestações artísticas no Centro, em especial em suas vielas, são resultado da intrínseca coparticipação do corpo e da cidade na construção da percepção, dos afetos, da memória e da paisagem urbana (figuras 3 e 4).

O Centro é hoje, portanto, um território insurgente que vai contra o discurso de uma classe dominante, que busca a espetacularização da cidade, a qual empobrece a experiência urbana e restringe as ações do corpo. As corpografias urbanas, citadas por Britto e Jacques (2008, p. 79), não são minimizadas no Centro, em contraposição a outros espaços na cidade de Goiânia que passaram pelo processo de especulação. No Centro, o corpo se move, sente o cheiro doce da fruta na banca ou da acidez da urina. Ele se inclina para olhar ou recua ao sinal de medo. Ele corre ao atravessar a avenida, para a sombra de uma árvore. Nele, a experiência urbana fica inscrita no corpo daquele que o experimenta, assim o definindo involuntariamente. Essa convivência se estende de formas diferentes às outras comunidades ocupantes do Centro que estabelecem uma relação coadaptativa do território, tensionadas pelo corpo.

Figura 3: Deriva pela rua 07, nas proximidades da Praça Cívica.



Fonte: Julia Cirilo (2024)

Figura 4: Deriva pela viela da rua 07, nas proximidades da Praça Cívica.



Fonte: Julia Cirilo (2024)

A resistência do Centro faz dele “Marginal” e “Herói”, segundo o olhar de Hélio Oiticica. A convocação para ser revolucionário, atuar em discordância com o sistema político central, em detrimento dos menos favorecidos, torna-o herói e marginal.

Não se trata da gratuidade marginal ou de querer ser marginal à força, mas sim colocar no sentido social bem claro a posição do criador, que não só denuncia uma sociedade alienada de si mesma, mas propõe [...] a desmistificação dos mitos da classe dominante, das forças de repressão. (Oiticica *apud* Galeazzi, 2019, p. 75)

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da discussão presente neste trabalho, a interpretação do Centro como mantenedor da memória coletiva da cidade de Goiânia e como dispositivo de produção de novas concorda diretamente com a arte presente em sua extensão, como meio de humanização desse espaço e reforço da democratização do seu território. Seu caráter marginal condiz com sua força dentro do cenário urbano e social de Goiânia, consolidando presença nos discursos políticos daqueles que querem categorizá-lo e espetacularizá-lo.

Do ponto de vista da prática empírica da deriva, empreendido neste trabalho como procedimento de reconhecimento do espaço, não somente foi identificado que a arte revela tal condição dual de marginalidade e heroísmo, mas a interação entre o corpo e a paisagem caminha no mesmo sentido. No Centro há uma diversidade de usuários que, por sua própria natureza de apropriação, garante a seus espaços (ruas, praças e becos) o convívio entre os diferentes, marca de sua democratização e acesso, ainda que paire sobre ele o discurso de esvaziamento ou morte. As corpografias no Centro são diversas. A fotografia pode registrar momentos de sua manifestação. Relatos como este, também. Mas elas explicitam, narram ou interpretam fragmentos de uma dinâmica ininterrupta de uso, ocupação, apropriação e construção de sua paisagem. O que faz do Centro um espaço de resistência não é somente sua dimensão histórica, portanto. Essa diversidade de usuários eleva-o à condição de espaço de insurgências, dotado de uma marginalidade heroica que lhe é intrínseca.

REFERÊNCIAS

BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. **Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade.** In: Cadernos PPGAU/ UFBA. Ano 6, número especial, 2008, p. 79-86. Salvador: PPGAU/UFBA, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/ppgau/article/view/2648>. Acesso em: 27 set. 2024.

GALEAZZI, Annelise Estrella. **Ornitorrélio Oiticinco: as inscrições de HO entre literatura e artes.** 2019. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/6267>. Acesso em: 27 set. 2024

MEYER, Regina Maria Prosperi (Org.). **Os centros das metrópoles.** Reflexões e propostas para a cidade democrática do século XXI. São Paulo, Associação Viva o Centro, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Terceiro Nome, 2001.

SOARES, Havanio Silva. **Paisagem (Re)velada: uma narrativa noturna no Centro de Goiânia.** 2021. 92 f., il. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: < <http://repositorio.unb.br/handle/10482/42719>>. Acesso em: 28 set. 2024